

# Um ensaio a partir do aforismo 20 da “Minima Moralia” – Struwwelpeter

TADEU GIATTI<sup>1</sup>

## Resumo

O presente trabalho objetiva levantar algumas reflexões sobre o aforismo de número 20, presente na obra “Minima Moralia”. Esse aforismo nos chama atenção, primeiramente, pelo nome em alemão, que é o título de um livro alemão para crianças, com histórias de cunho moral. Adorno, a partir de um dos personagens desse livro, traça uma crítica ao sistema capitalista e à formatação econômica da sociedade.

Palavras-chave: Adorno; capitalismo; sociedade.

## Abstract

This paper aims to raise some reflections on the aphorism number twenty, in this work “Minimal Moralia”. This aphorism draws our attention, first, the German name, which is the title of a German book for children, moral stories. Adorno, from one of the characters in this book outlines a critique of the capitalist system and the formatting of the economic society.

Keywords: Adorno; capitalism; society.

## Resumen

Este trabajo tiene como objetivo plantear algunas reflexiones sobre el número aforismo veinte, en esta obra “Minimal Moralia”. Este aforismo nos llama la atención, en primer lugar, el nombre alemán, que es el título de un libro alemán para niños, cuentos morales. Adorno, de uno de los personajes de este libro esboza una crítica al sistema capitalista y el formato de la sociedad económica.

Palabras-clave: Adorno; capitalismo; sociedad.

## Introdução

Compreender a dialética que norteia uma sociedade é uma tarefa ingente e que pressupõe uma sensibilidade e inteligência profundas. Poucos

teóricos conseguiram uma análise com tal aguçidade, especialmente no que diz respeito a textos aparentemente simples, sob a forma de aforismos que, por sua própria dinâmica interna, pressupõem um grande poder de concisão aliado a uma análise social. Theodor Adorno, em sua obra “*Mínima moralia: reflexões a partir da vida danificada*”, consegue esse feito. A recusa em partir do todo, trabalhando com aforismos, tem sua justificativa: em uma sociedade em que a razão objetiva desapareceu e se transformou em pura irracionalidade, não cabe uma análise globalizante, em seu sentido estrito da realidade. Partindo dessa ideia, este ensaio pretende discutir um aforismo, o que subjaz a ele, no sentido de crítica e de conexão necessária entre o pensamento e sua expressão não apenas a partir das considerações teóricas de Adorno sobre o tema, mas, principalmente, tomando como eixo o próprio método aforístico empregado pelo filósofo na obra “*Mínima moralia*”.

## **A forma aforística de Adorno e sua relação polifônica com a obra de Heinrich Hoffmann**

Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno nasceu em Frankfurt. Era filho de Oscar Alexander Wiesengrund, um próspero negociante alemão de vinhos, de origem judaica e convertido posteriormente ao protestantismo, e de Maria Barbara Calvelli-Adorno, uma cantora lírica católica italiana. Theodor passou a abreviar seu último nome, utilizando o nome de solteira de sua mãe como sobrenome (Theodor W. Adorno, ou simplesmente Theodor Adorno).

O livro, ou melhor, a coleção de aforismos “*Mínima moralia*” foi composta dentro do final da II Guerra Mundial (entre os anos de 1944 e 1947), em três partes. É um livro de Filosofia escrito sob a forma de pequenas sentenças (aforismos), que retratam um mundo de coisas em poucas linhas; ou, em outras palavras, reflexões de vários temas com uma profundidade e grau de reflexão muito grande.

O conteúdo dos aforismos tem um fundo muito subjetivo, pois toma por base que cada leitor deve avaliar e refletir sobre o que leu. Dito isso, podemos dizer que o aforismo 20 nos coloca diante de um texto enigmático. A começar pelo título. Necessitamos, antes de tudo, de analisá-lo. O título “*Der Struwwelpeter*”, ou, em uma tradução livre, “*Pedro de cabeça chacoalhada*”, faz referência a um livro escrito para crianças, em alemão, por Heinrich Hoffmann, em 1845. Esse trabalho se compõe de dez

histórias ilustradas e ritmadas, principalmente sobre crianças. Cada uma delas objetiva mostrar uma clara lição de moral sobre as consequências de atos desastrosos, os quais as crianças criam desnecessariamente. O título da primeira história abarca e dá nome ao livro como um todo. “Struwwel-peter”, dentro da ótica de Heinrich Hoffmann, descreve um menino que não cuida de si mesmo de maneira correta e que, conseqüentemente, é impopular entre seus pares e amigos. Com isso em mente, como ponto de partida, procuremos analisar este aforismo número 20 de Adorno.

## O particular como expressão da totalidade

O autor inicia o aforismo citando Hume, filósofo inglês (1711-1776), célebre por seu empirismo radical e seu ceticismo filosófico. Adorno extrai desse teórico um argumento pragmatista, que se liga à economia de mercado, ao lucro (capitalismo), pois esse sistema econômico é eminentemente prático, vide o refrão que o representa popularmente: “tempo é dinheiro”. Senão vejamos esta outra passagem do aforismo: “Se o tempo é dinheiro, parece moral poupar tempo, sobretudo o próprio, e desculpa-se tal poupança com a consideração pelos outros”.

O verbo poupar e poupança aparecem nessa passagem. É uma ideia fixa e constante para a economia de mercado (capitalismo). Mas poupar e poupança para o bem comum ou o bem próprio? Solipsismo burguês ou benemerência? Vejamos este outro: “Que em vez de levantar o chapéu se saúdem com um ‘olá’ de habitual indiferença, que em vez de cartas se enviem inter office communications sem cabeçalho e sem assinatura, são outros tantos sintomas de uma enfermidade do contato”. Eis uma crítica contundente ao petit bourgeois (pequeno burguês) que, imbuído até às entranhas da economia do mercado, não se preocupa nem em levantar o chapéu ao saudar seus semelhantes, não se preocupa em enviar cartas, mas sim comunicados mais rápidos (inter office communications) que denotam uma enfermidade, aquela que quer ganhar tempo, eliminando o que seja supérfluo, desnecessário, enfim, tudo o que acarreta perda de dinheiro deve ser cortado, eliminado da vida do burguês. Mesmo que sejam os contatos pessoais não vinculados às possibilidades de usufruí-los em termos de “lucro”.

Esta outra passagem é assaz sintomática: “O tabu de falar só de assuntos profissionais e a incapacidade de conversa recíproca são, na realidade, a mesma coisa. Porque tudo é negócio, nada de mencionar o seu

nome, como acontece com a corda na casa do enforcado”. Para Adorno, o capitalismo (economia de livre mercado) conduz à alienação pessoal e social, não havendo a necessidade de se conversar. A linguagem, enquanto elemento de comunicação e com sua poética própria, é eliminada e destruída pelo capitalismo. Isso porque, tudo sendo negócio, não tem como mencionar o nome do outro, visto que o outro sendo um objeto, algo coisificado, não precisa ser alcançado pela linguagem, não tem nome, mas sim é um cifrão, um ser alienado.

Entretences, deve-se perguntar: Por que então o título desse aforismo é “Der Struwwelpeter”? Como aqui foi discutido, a figura do menino mau, preconizada por Heinrich Hoffmann e que deu título ao seu trabalho, nada mais é do que o capitalista alienado, sedento de lucro e desprovido de sentimentos mínimos de civilidade, tais como tirar o chapéu para os semelhantes, conversar com os passantes, enviar cartas, manifestando o poder da linguagem escrita. Leiamos esta passagem reveladora do aforismo: “Por detrás da pseudodemocrática supressão das fórmulas do trato, da cortesia antiquada, da conversação inútil e nem sequer injustificadamente suspeita de palavreado, por detrás da aparente claridade e da transparência das relações humanas que não toleram qualquer indefinição, anuncia-se a nua crueza”. E o que seria essa nua crueza? O lucro que nada vê, nada escreve “em vão”, nada conversa, somente coisifica tudo e todos a seu redor. Em última instância, a nua crueza, que nos cerca neste mundo pós-moderno do início do século XXI.

Perorando esta análise do aforismo, o próprio Adorno declara: “O sentido prático entre os homens que desaloja entre eles todo o ornamento ideológico, transformou-se em ideologia para tratar os homens como coisas”. Adorno chega ao ponto nevrálgico de seu trabalho – a coisificação do ser humano por outro ser humano, por ver nele fonte de lucro, de dinheiro, fruto da ideologia capitalista. Ora, não era essa a postura que nosso Struwwelpeter, nos contos de Hoffmann, tinha ao ter atitudes impensadas que geravam desconforto para os seus companheiros? Não seria chegada a hora de nossos capitalistas struwwelpeters repensarem essa postura coisificante e a transformarem nestes tempos pós-modernos?

## Conclusão

A crítica à indústria cultural e ao sistema social, econômico e político vigente na época de Adorno, como processos que atuam sobre a

subjetividade do ser humano no sentido de sua deformação, é feita por meio dos aforismos. O autor mostra, por meio dele, como a própria vida está fragmentada, como as atividades e relações humanas incorporaram a dominação existente enquanto tendência objetiva da sociedade e, desse modo, também a subjetividade se transforma em algo objetivo, passível de manipulação, usando a economia de mercado – capitalismo – para tanto. O que há é uma cisão pela qual passou a vida humana que se percebe desde então. E é nessa harmonia entre o estilo denso e um pensamento duro o suficiente para se elevar acima da realidade, tornando o trabalho, até difícil de ler, de captar seu ponto nevrálgico, o qual exige justamente uma apresentação marcante como ele, é que reside a beleza e dignidade das *Minima moralia*. Não só a crítica se mantém fiel como a denúncia da vida que sucumbe frente à totalidade do sistema econômico, mas também as formas do texto se coadunam com essa tentativa de trazer à consciência a falsidade que domina a vida.

Recebido em: 2/04/2013

Aprovado em: 28/05/2013

## Notas

1. Mestrando junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sociocomunitária do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL). Professor de Língua Portuguesa na rede pública do Estado de São Paulo. E-mail: tadeu\_giatti@yahoo.com.br

## Referências

ADORNO, Theodor W. **Minima moralia**: reflexões a partir da vida danificada. Tradução de Luiz Eduardo Bica. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

HOFFMANN, Heinrich. **Struwwelpeter**: merry stories and funny pictures. New York: Frederick Warne & Co., [s.d.]. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/ebooks/12116>>. Acesso em: 15 mar. 2013.